

Uma viagem por quatro continentes para descobrir  
os segredos da alegria de viver

A GEOGRAFIA DA

*Felicidade*

---

ERIC WEINER



**A**

EQUILÍBRIO

# A Geografia da Felicidade

Uma viagem por quatro continentes para descobrir  
os segredos da alegria de viver

Eric Weiner

TRADUÇÃO DE  
Andréa Rocha



EQUILÍBRIO

Título original  
*The geography of bliss*

Copyright © 2008, Eric Weiner  
Copyright da tradução © 2008, Agir Editora

*Adaptação da capa*  
Estúdio Insólito  
*Capa original:* Roberto de Vic  
*Foto do autor:* Chuck Berman

*Copidesque*  
Carla Mühlhaus

*Revisão*  
Taís Facina  
Argemiro de Figueiredo

*Produção editorial*  
Paulo Cesar Veiga

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

W444g  
Weiner, Eric  
A geografia da felicidade / Eric Weiner; [tradução Andréa Rocha].  
— Rio de Janeiro: Agir, 2009.

ISBN 978-85-220-0795-0

1. Weiner, Eric. 2. Viagens. I. Título.

08-5196 CDD 910.4  
CDU 910.4

---

Todos os direitos reservados à Agir Editora Ltda.  
Uma empresa Ediouro Publicações Ltda.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso  
Rio de Janeiro, RJ – CEP 21042-235  
Telefone (21)3882-8200 – Fax (21)3882-8212/8313  
[www.ediouro.com.br](http://www.ediouro.com.br)

# Sumário

- 7 Introdução
- 11 Holanda
  - A felicidade é um número
- 32 Suíça
  - A felicidade é um tédio
- 54 Butão
  - A felicidade é uma política de governo
- 100 Catar
  - A felicidade é um bilhete de loteria premiado
- 144 Islândia
  - A felicidade é o fracasso
- 186 Moldávia
  - A felicidade está em outro lugar
- 219 Tailândia
  - A felicidade é não pensar
- 243 Grã-Bretanha
  - A felicidade é um trabalho que nunca termina
- 272 Índia
  - A felicidade é uma contradição
- 304 Estados Unidos
  - A felicidade é nosso lar
- 318 Epílogo
  - Já chegamos lá?
- 323 Agradecimentos



## INTRODUÇÃO

Arrumei minhas malas e separei alguns suprimentos. Estava pronto para aventura. Assim, num fim de tarde de verão, arrastei meu relutante amigo Drew para juntos explorarmos novos mundos e — esta era minha esperança — encontrarmos alguma felicidade pelo caminho. Sempre acreditei que a felicidade está logo ali, virando a esquina. O segredo é encontrar a esquina certa.

Nossa jornada nem bem havia começado e Drew já se mostrava nervoso. Ele me implorou que voltássemos, mas insisti para continuarmos, impelido por uma curiosidade irresistível a respeito do que vinha pela frente. Perigo? Mágica? Precisava saber, e até hoje estou convencido de que alcançaria fosse lá o que estivesse tentando alcançar, se a polícia do condado de Baltimore não tivesse chegado à conclusão, precipitadamente, de que o acostamento de uma auto-estrada não era lugar para uma dupla de meninos de cinco anos de idade.

Algumas pessoas são infectadas pelo vírus das viagens. Outras já nascem com ele. Minha moléstia, vamos dizer assim, retrocedeu durante os muitos anos que se seguiram à minha frustrada expedição com Drew. E então ressurgiu com uma fúria renovada depois que eu já havia me formado. Desejava ardentemente conhecer o mundo, de preferência à custa de outra pessoa. Mas como? Não possuía qualquer habilidade que pudesse me render algum dinheiro, tinha um sentido de moralidade fora do comum e uma tendência à melancolia. Decidi tornar-me um jornalista.

Na função de correspondente internacional para a Rádio Pública Nacional, viajei para lugares como Iraque, Afeganistão e Indonésia: lugares tristes. Sob um determinado aspecto, isso fazia todo o sentido. Sem ter consciência disso, estava obedecendo à primeira regra do ofício da escrita: escreva sobre aquilo que você conhece. Assim, caderno na mão, gravador a tiracolo, percorri o mundo contando as histórias de pessoas melancólicas e tristes. A verdade é que as pessoas infelizes,

vivendo em lugares extremamente tristes, rendem boas histórias. Elas inspiram páthos e mexem com os sentimentos mais profundos. Mas também podem marcar, na verdade, suas piores experiências.

E se por acaso, imaginei então, passasse um ano viajando ao redor do globo, não pelos já tão propalados pontos críticos, mas pelos pouco divulgados lugares felizes? Lugares que possuem, de sobra, um ou mais ingredientes que consideramos essenciais para um nutritivo ensopado de felicidade: dinheiro, prazer, espiritualidade, família e chocolate, entre outros. Pelo mundo todo, dúzias de “e se” apresentam-se todos os dias. E se você vivesse num país que fosse tão rico a ponto de ninguém precisar pagar impostos? E se você vivesse num país onde o fracasso é uma opção? E se você vivesse num país tão democrático que as pessoas votassem sete vezes por ano? E se você vivesse num país onde pensar em excesso fosse desestimulado? Você seria feliz então?

Era justo isso o que eu planejava descobrir e o resultado dessa temerária experiência é este livro que você tem agora nas mãos.

Nasci em 1963, o ano da Smiley Face. Foi quando um desenhista gráfico de Worcester, Massachusetts, de nome Harvey Ball, inventou o agora onipresente ícone amarelo da carinha sorridente. Originalmente, a criação de Ball foi concebida para alegrar as pessoas que trabalhavam, imagine só, numa companhia de seguros, mas desde então se tornou sinônimo do tipo de felicidade frívola tipicamente americana.

O ícone cordial de Ball nunca surtiu efeito em mim. Não sou uma pessoa feliz, nunca fui. Quando criança, meu personagem favorito na turma do Ursinho Puff (que atualmente se chama Pooh) era o pessimista Bisonho. E durante a maior parte da história da humanidade, eu teria sido considerado normal. A felicidade, nesta vida, nesta Terra, era um prêmio reservado aos deuses e alguns poucos afortunados. Hoje, entretanto, a felicidade não só é considerada algo que qualquer um pode alcançar, como é o que se espera que aconteça. Assim, eu e milhões de outros sofremos de uma enfermidade que é exclusiva da modernidade e que o historiador Darrin McMahan chama de “a infelicidade de não ser feliz”. Não tem a menor graça.

Como muitos outros, eu me esforcei. Nunca conheci um livro de auto-ajuda do qual não tivesse gostado. Minha estante é um altíssimo e instável monumento à angústia existencial, abarrotada de livros a me dizerem que a felicidade se encontra dentro de mim, bem lá no fundo. Se não estou feliz, eles advertem, é porque não estou cavando fundo o suficiente.

Esse axioma do complexo industrial da auto-ajuda está tão profundamente enraizado que chega a ser auto-explicativo. Só há um problema: não é verdadeiro. A felicidade não está dentro de nós, mas lá fora. Ou, para ser mais preciso, a fronteira entre lá fora e aqui dentro não é tão nítida como pensamos.

O falecido filósofo britânico Alan Watts, numa de suas maravilhosas conferências a respeito da filosofia ocidental, usou esta analogia: “Se desenho um círculo, a maioria das pessoas, quando indagada a respeito do que desenhei, vai dizer que desenhei um círculo, um disco ou uma bola. Pouquíssimas pessoas vão dizer que desenhei um buraco na parede, porque a maioria pensa primeiro na parte de dentro, em vez de pensar na parte de fora. Na verdade, esses dois lados andam juntos — você não pode ter o que está ‘aqui dentro’ se não tem o que está ‘lá fora.’”

Em outras palavras, o lugar onde estamos é vital para o que somos.

Por “onde”, estou falando não apenas do nosso ambiente físico, mas também do nosso ambiente cultural. A cultura é o mar no qual nadamos — tão penetrante, tão absorvente, que acabamos não notando sua existência até que nos afastamos dela. E isso importa mais do que imaginamos.

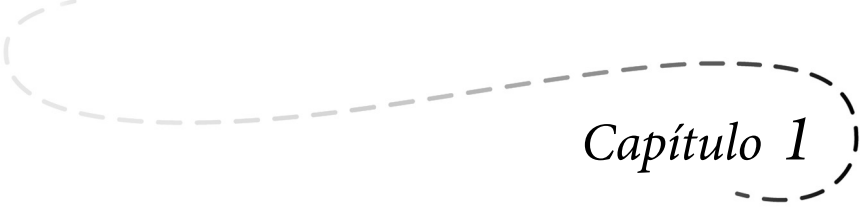
Com nossas palavras, subconscientemente fundimos geografia e felicidade. Falamos de buscar felicidade, ou encontrar contentamento, como se essas fossem localizações num atlas, como se fossem lugares reais que poderíamos visitar se ao menos tivéssemos o mapa apropriado e os conhecimentos de navegação necessários. Qualquer um que tenha tirado umas férias, digamos, em alguma ilha no Caribe, e a quem tenha de repente ocorrido o indesejável pensamento “eu poderia ser feliz aqui” sabe o que eu quero dizer.

Escondido bem atrás da cortina, é claro, está aquele fascinante e escorregadio conceito conhecido como paraíso. Isso tem distraído os humanos já há algum tempo. Platão imaginou as Ilhas Bem-Aventuradas. Um lugar onde a felicidade fluía como as águas quentes do Mediterrâneo. Até o século XVIII, as pessoas acreditavam que o paraíso bíblico, o Jardim do Éden, era um lugar real. Tanto que

a região aparecia em mapas — localizada, ironicamente, na confluência dos rios Tigre e Eufrates, onde se situa hoje o Iraque.

Os exploradores europeus se prepararam para as expedições em busca do paraíso aprendendo aramaico, a língua que era falada por Jesus. Eu parti em minha jornada, minha busca pelo paraíso, falando não o aramaico, mas uma outra língua obscura, a moderna liturgia da felicidade, falada pelos novos apóstolos da emergente ciência da felicidade. Pesquisei “emoção positiva” e “adaptação hedonista”. Não carrego nenhuma Bíblia, apenas alguns guias de viagem *Lonely Planet* e uma convicção de que, como disse Henry Miller: “O destino de uma pessoa nunca é um lugar, mas uma nova maneira de ver as coisas.”

E então, num dia tipicamente fumegante em Miami (o lugar que é para algumas pessoas o próprio conceito de paraíso), faço minhas malas e parto de casa naquela que sei ser a missão de um tolo, cada milímetro tão tola quanto aquela que tentei empreender como um peripatético menino de cinco anos. Como o autor Eric Hoffer disse: “A busca pela felicidade é uma das principais fontes de infelicidade.” Tudo bem. Eu já sou infeliz. Não tenho nada a perder.



## Capítulo 1

### HOLANDA

#### A felicidade é um número

Gostar de observar os outros em atividades prazerosas faz parte da natureza humana. Isso explica a popularidade de dois tipos de negócio: a pornografia e os cafés. Os americanos se destacam no primeiro, mas os europeus saem-se melhor no segundo. A comida e o café propriamente dito são quase que irrelevantes. Certa vez ouvi falar de um café em Tel Aviv que prescindia totalmente de café e bebidas: o estabelecimento servia aos clientes xícaras e pratos vazios, sem, no entanto, deixar de cobrar deles dinheiro de verdade.

Os cafés são teatros onde o freguês não só é platéia, como faz parte do elenco. Descubro um desses cafés maravilhosos a apenas um quarteirão do meu hotel, no centro de Roterdã. O lugar é ao mesmo tempo amplo e aconchegante, requintado e decadente. O piso é bonito, de tábua corrida, mas, pelo jeito, não vê uma ence-radeira faz tempo. É o tipo do estabelecimento em que você pode passar horas e horas bebericando apenas uma cerveja, e tenho a impressão de que é isso justamente o que muitas pessoas fazem por aqui.

Todos estão fumando, então decido aderir e acendo uma cigarrilha. Há alguma coisa no lugar que parece expandir o tempo e então passo a prestar atenção nos mínimos detalhes. Reparo numa mulher sentada em um dos bancos do bar, as pernas estendidas, apoiadas numa balaustrada próxima, de forma a criar uma pequena ponte levadiça, que ela suspende e abaixa à medida que as pessoas passam.

Peço para beber algo conhecido como cerveja trapista. Está quente. Em geral não gosto de cerveja quente, mas dessa eu gosto. Ao meu redor escuto a risada gostosa dos holandeses. Parece-me vagamente familiar, apesar de não conseguir entender bem por quê. Só então me dou conta de uma coisa. O holandês soa como o inglês falado de trás para frente. Sei disso porque já ouvi um bocado de inglês falado de trás para frente. Na era pré-digital, costumava editar fitas para minhas matérias da Rádio Pública Nacional num gravador de rolo do tamanho

de um aparelho de TV. Isso invariavelmente significava ter de tocar trechos da fita de trás para frente. Sentado aqui neste café, com minha cigarrilha e minha cerveja trapista quente, fico imaginando se o holandês gravado e tocado de trás para frente soaria como inglês.

Como você já percebeu, sou um homem que tem tempo de sobra. Muito tempo. Mas este é justamente o sentido de um café europeu: deixar-se ficar completamente à vontade e sem culpa nenhuma. Não é à toa que em sua maioria os grandes filósofos são europeus. Eles vinham para os cafés e deixavam que suas mentes vagassem livres até que alguma escola filosófica radicalmente nova — o existencialismo, por exemplo — lhes viesse à cabeça num estalo. Mas não vim até aqui para inventar uma nova escola filosófica. Não exatamente. Estou empenhado naquilo a que os franceses chamam de *la chasse au bonheur*, a caça à felicidade.

Para ser mais específico, minha presa é um professor holandês de nome Ruut Veenhoven, o padrinho da pesquisa sobre felicidade. Veenhoven é o responsável por algo chamado de *World Database of Happiness*, ou Banco de Dados Mundial da Felicidade. Não, não estou brincando. Ele já reuniu, num único local, a totalidade do conhecimento humano sobre o que nos faz felizes, sobre o que não nos faz felizes e, o que me interessa em especial, sobre quais são os lugares mais felizes do mundo. Se de fato existe em algum lugar um mapa rodoviário da felicidade, um atlas do contentamento, então é Ruut Veenhoven quem será capaz de falar a respeito.

Relutante, deixo o café e tomo o caminho de volta ao hotel para jantar. Roterdã não é uma cidade bonita. É cinzenta e sem graça, com poucos pontos interessantes. No entanto, nota-se aqui uma mistura de holandeses e imigrantes, muitos deles muçulmanos, que leva a justaposições bem interessantes. A *sex shop* Cleopatra, cuja vitrine consiste em uma fauna de pênis artificiais enormes e assustadoramente reais, fica a apenas um quarteirão do Centro Islâmico Paquistanes. A certa altura sinto cheiro de maconha, o perfumado aroma da tolerância holandesa. Dois quarteirões depois, vejo um homem empoleirado numa escada, pendurando um tamanco amarelo gigantesco na fachada de uma loja, enquanto mais abaixo dois homens que julgo serem do Oriente Médio se cumprimentam com duas beijocas simétricas no rosto. Não sei bem de onde eles são, mas alguns dos imigrantes aqui vêm de países onde o consumo de álcool é proibido e as mulheres se cobrem dos

pés à cabeça. No lar que eles adotaram, não só o álcool é liberado como a maco-  
nha também é legal — assim como a prostituição.

A sala de jantar do hotel é pequena, bem acolhedora. Os holandeses sabem  
criar ambientes aconchegantes. Escolho a sopa de aspargos. Está gostosa. O garçom  
recolhe minha tigela e então diz:

— Talvez agora o senhor queira alguma acompanhante.

— O que foi que o senhor disse?

— Acompanhante. O senhor tem direito a uma acompanhante.

Uau, como esses holandeses são permissivos, pensei, antes de me dar conta  
de que ele estava se referindo ao acompanhamento, algo para acompanhar a re-  
feição.

— Sim — respondo aliviado. — Seria ótimo.

Gosto bastante disso, dessa experiência de um jantar sem pressa, bem ali na  
sala de jantar do Hotel van Walsum. Dou um gole na minha cerveja, fico com o  
olhar perdido, e, de um modo geral, não faço nada — até que o garçom traz o meu  
salmão grelhado, indicando que, por ora, meu acompanhamento terminou.

Pela manhã, pego o metrô até meu Santo Graal: o *World Database of Happi-  
ness*, ou WDH. Não costumo associar as palavras “felicidade” e “banco de dados”,  
mas isso aqui é diferente. O *World Database of Happiness* é a resposta dos secu-  
laristas ao Vaticano, à Meca, à Jerusalém e à Lhasa, tudo num único pacote. Aqui  
você pode, com um clique do mouse, acessar os segredos da felicidade. Segredos  
baseados não apenas em revelações efêmeras feitas em algum deserto remoto,  
mas em ciência moderna; segredos gravados não em pergaminho, mas em discos  
rígidos; escritos não em aramaico, mas na língua dos nossos tempos, o código  
binário.

Caminho alguns blocos a partir da estação de metrô e logo me decepciono. O  
campus universitário que abriga o WDH mais parece um complexo de escritórios  
do subúrbio do que um núcleo de felicidade, o repositório do conhecimento da  
humanidade a respeito do que é ser feliz. Faço o possível para me livrar dessa im-  
pressão. Afinal de contas, o que é que eu esperava? O Mágico de Oz? Willy Wonka  
e os Oompa Loompas correndo de um lado para o outro e gritando em estado de

êxtase: “Conseguimos, conseguimos, descobrimos o segredo da felicidade?” Não, acho que não, mas andava esperando algo menos esterilizado. Mais feliz e com menos números.

Sigo por um corredor que não tem nada de especial e bato numa porta menos especial ainda. Um homem com um sotaque holandês grita para que eu entre. Ali está ele. O dr. Bem-estar em pessoa. Ruut Veenhoven é um homem que tem um ótimo aspecto e deve ter pouco mais de 60 anos. Tem uma barba mesclada de fios brancos e olhos elétricos e brilhantes. Ele está todo de preto — preto estiloso, não preto mórbido. Tenho a impressão de que já o vi antes, até que descubro por quê: Veenhoven é uma versão holandesa de Robin Williams, com a mesma energia e um sorriso ligeiramente malicioso. Ele salta de sua cadeira e me estende a mão e um cartão de visita onde se lê: “Ruut Veenhoven, Professor de Estudos da Felicidade.”

O escritório dele é como o de qualquer professor: livros e papéis por toda parte. Nem é assim tão bagunçado, mas também não está entre os escritórios mais organizados que já vi. Noto a ausência ostensiva de qualquer uma daquelas carinhas amarelas e sorridentes. Veenhoven me serve uma xícara de chá verde. Depois fica em silêncio e espera que eu fale.

Como jornalista conduzi centenas de entrevistas. Conversei com reis, presidentes, primeiros-ministros, sem mencionar chefes de organizações terroristas como o Hezbollah. No entanto, sentado aqui, diante deste gentil professor holandês que se parece com Robin Williams, estou sem saber o que dizer. Um lado meu, o lado que anseia desesperadamente por paz de espírito, quer gritar: “Dr. Veenhoven, o senhor fez os cálculos, o senhor estudou a felicidade durante toda a sua vida profissional; por favor, conte para mim. Qual é a maldita fórmula para a felicidade?”

Mas não é isso o que falo. Não posso jogar para o alto anos e anos de experiência profissional, aquela que me diz para manter um distanciamento do meu assunto e nunca, jamais, revelar coisas demais a meu respeito. Sinto-me como o policial que está de folga e sai para jantar com a família, mas não consegue parar de vigiar o restaurante em busca de potenciais atiradores.

Assim, em vez de desafogar minha alma, recorro a um velho truque empregado por jornalistas em entrevistas e por mulheres que querem quebrar o gelo durante um encontro amoroso. “Dr. Veenhoven”, digo finalmente, “fale-me a seu respeito. Como foi que o senhor começou a trabalhar com a questão da felicidade?”

Veenhoven reclina-se em sua cadeira, feliz em poder ser útil. Ele atingiu a maioria na década de 1960. No campus da sua faculdade, todo mundo fumava maconha, usava camiseta com a imagem de Che Guevara e falava sobre a sociedade justa. Veenhoven também fumava muita maconha, mas não usava camisetas do Che; e quanto àquelas “sociedades justas”, em países do bloco oriental, a opinião dele era a de que deixavam a desejar. Em vez de julgar uma sociedade por seu sistema, ele pensou, por que não julgá-la por seus resultados? Seus cidadãos eram felizes? O herói de Veenhoven não era Che Guevara, mas sim um advogado britânico do século XIX sem muito traquejo social, chamado Jeremy Bentham. Bentham ficou famoso por difundir o princípio utilitário “mais felicidade para o maior número de pessoas”. Veenhoven teria de bom grado vestido uma camiseta com o retrato de Jeremy Bentham, caso ela tivesse existido.

Veenhoven estudava sociologia — um campo de estudos que, naquele tempo, significava o estudo apenas das sociedades doentes, as disfuncionais. Sua disciplina irmã, a psicologia, estudava mentes doentes. Mas não o jovem Ruut. Ele estava interessado em mentes sadias e em lugares felizes. Um dia, um pouco tímido, mas, ainda assim, determinado, Veenhoven bateu à porta de seu orientador e perguntou se poderia, por favor, estudar a felicidade. O orientador, um homem sério, de credenciais acadêmicas de respeito, disse a ele, em termos inequívocos, que calasse a boca e nunca mais mencionasse aquela palavra outra vez. Felicidade não era um assunto sério.

Mesmo repreendido, Veenhoven foi embora se sentindo, lá no fundo, satisfeito. Ele sabia que havia farejado algo. Pelo mundo afora, cientistas sociais acordavam para uma nova disciplina: estudos da felicidade. Hoje, Veenhoven está na vanguarda de um campo que gera centenas de artigos acadêmicos a cada ano. Existem conferências sobre felicidade e publicações como o *Journal of Happiness Studies*, editado por Veenhoven. Alunos da universidade de pós-graduação de Clermont, na Califórnia, podem agora fazer um mestrado ou um doutorado na área da psicologia positiva — mais exatamente, em felicidade.

Alguns dos colegas ainda acham que seu antigo orientador tinha razão, que o estudo da felicidade é um equívoco, uma bobagem. Mas eles não podem ignorar Veenhoven. Sua pesquisa está aí: é citada em publicações especializadas, o que no mundo acadêmico quer dizer que ela tem importância.

Refletir sobre a felicidade, é claro, não é novidade. Gregos e romanos na

Antigüidade fizeram muito isso. Aristóteles, Platão, Epicuro e outros se debruçaram sobre questões eternas como o que é uma boa vida e se prazer e felicidade são ou não a mesma coisa.

Mais tarde, outros se uniram aos gregos e romanos. Eram homens de pele clara, vindos de terras mais ao norte, que passaram uma quantidade absurda de tempo em cafés, contemplando os dilemas inextricáveis da vida. Homens como Kant, Schopenhauer, Mill, Nietzsche e, mais adiante, Larry David. Eles, da mesma forma, tiveram muito o que dizer a respeito da felicidade.

E então há a religião. O que é a religião senão um guia para a felicidade, para o contentamento? Cada religião instrui seus seguidores a respeito dos caminhos para alcançar a felicidade, seja nesta vida ou na próxima, através da submissão, meditação, devoção, ou, no caso da fé judaica ou católica, da culpa.

Tudo isso pode ter sido útil, até mesmo esclarecedor, mas não era ciência. Eram opiniões a respeito da felicidade. Opiniões instruídas, sem dúvida, mas ainda assim opiniões, e nos dias de hoje nós não temos muita consideração por opiniões, a não ser pelas nossas próprias e, mesmo assim, nem sempre. O que a gente respeita, aquilo em que a gente realmente presta atenção, é ciência para valer. Acima de tudo, gostamos de um bom estudo. Jornalistas já sabem que a melhor maneira de chamar a atenção das pessoas é começar um texto com estas quatro palavrinhas: “Um novo estudo revelou.” Pouco importa o que vem depois. Um novo estudo revelou que vinho tinto faz bem/mata. Um novo estudo revelou que dever de casa embota o cérebro/expande o cérebro. Costumamos gostar em especial daqueles estudos que emprestam credibilidade às nossas idiosincrasias, como: “Um novo estudo revelou que as pessoas que têm a mesa bagunçada são mais inteligentes.” Sim, se essa nova ciência da felicidade era para ser levada a sério, precisava de estudos. Mas, antes de mais nada, precisava de vocabulário. Um jargão sério. A palavra “felicidade” não funcionaria. Soaria muito frívola, de fácil compreensão. Isso era um problema. Foi aí que os cientistas sociais apareceram com esta pérola: “bem-estar subjetivo”. Perfeito. Não apenas era polissilábico e quase indecifrável para leigos, mas também podia ser condensado numa redução ainda mais obscura: SWB, que corresponde, em inglês, a *subjective well-being*,

bem-estar subjetivo. Até os dias de hoje, quem quiser ter acesso às pesquisas acadêmicas mais recentes a respeito de felicidade precisa digitar no Google “SWB”, e não “felicidade”. Em seguida surgiram outras peças no quebra-cabeça do jargão. “Emoções positivas” é quando algo é agradável; “emoções negativas” é — você adivinhou — quando algo é desagradável.

Em seguida, a nova ciência da felicidade precisava de dados. Números. Porque, afinal, o que é ciência a não ser números, de preferência extensos e com muitas vírgulas? E como é que os cientistas chegam a esses números? Eles medem as coisas.

Oh, não. Uma tremenda barreira na estrada para o estudo da felicidade. Como é possível medir felicidade? A felicidade é um sentimento, um estado de espírito, um humor, uma perspectiva sobre a vida. A felicidade não pode ser medida.

Ou pode? Neurocientistas da Universidade de Iowa identificaram as regiões do cérebro associadas aos bons e maus humores. Eles fizeram isso conectando os participantes da pesquisa (estudantes universitários em busca de dinheiro rápido) a aparelhos de ressonância magnética e mostrando a eles uma série de imagens. Quando as imagens são agradáveis — paisagens bucólicas, brincadeiras entre golfinhos — partes do lobo pré-frontal são ativadas. Quando eles mostram imagens desagradáveis — um pássaro coberto de óleo, um soldado morto com o rosto dilacerado — são as regiões mais primitivas do cérebro que se iluminam. Sentimentos felizes, em outras palavras, se inscrevem nas regiões do cérebro que se desenvolveram mais recentemente. Isso suscita uma questão intrigante: Estaríamos nós, em termos evolucionários, pendendo em direção à felicidade?

Pesquisadores andaram experimentando ainda outras maneiras de medir a felicidade: hormônios do estresse, atividade cardíaca e algo chamado “codificação da atividade facial”, que consiste em, por exemplo, contar quantas vezes sorrimos. Todas essas técnicas são promissoras, e, de fato, um dia talvez os cientistas sejam capazes de “medir a sua felicidade” da mesma maneira que um médico hoje mede a sua temperatura.

Acontece, entretanto, que a principal forma usada pelos pesquisadores para medir felicidade se constitui numa técnica de menor sofisticação tecnológica e, pensando bem, bastante óbvia. Eles simplesmente perguntam às pessoas o quanto elas são felizes. Verdade. “Levando em conta todos os aspectos da sua vida, o quão

feliz você diria que é hoje em dia?” Essa é, mais ou menos, a pergunta que pesquisadores têm feito às pessoas em todo o mundo, há 40 anos ou mais.

Ruut Veenhoven e seus colegas alegam que as respostas são extraordinariamente precisas. “Você pode ter uma doença e não saber disso”, Veenhoven me diz, “mas você não pode ser feliz e não saber disso. Por definição, se você é, você sabe que é.”

Pode ser, mas a capacidade que o homem tem de se auto-iludir não deve ser subestimada. Será que somos mesmo capazes de aferir nossa própria felicidade? Houve um momento, por exemplo, quando eu tinha 17 anos de idade, em que achei que era mesmo feliz, completamente satisfeito, sem qualquer preocupação no mundo. Em retrospecto, o que aconteceu foi que naquela época eu vivia chupado. Também havia cerveja nessa história.

Eis mais um redutor de velocidade na estrada para a felicidade. Pessoas diferentes definem felicidade de maneiras diferentes. Sua idéia de felicidade pode não ser a mesma que a minha. Minha definição favorita de felicidade originou-se na mente de um homem infeliz chamado Noah Webster. Quando escreveu o primeiro dicionário americano, em 1825, Webster definiu felicidade como “as sensações agradáveis que derivam da apreciação do bem”. Isso diz tudo. A definição tem “sensações agradáveis”, a noção de que a felicidade é um sentimento. Os hedonistas iriam ao delírio com isso. Tem “apreciação”, o que significa que a felicidade é mais do que puro prazer animal. E apreciação do quê? Do “bem”, uma palavra que Webster deveria ter escrito com letra maiúscula. O Bem. Queremos nos sentir bem, mas pelas razões certas. Aristóteles teria aprovado isso. A felicidade “é uma atividade virtuosa da alma”, ele disse. Uma vida virtuosa, em outras palavras, é uma vida feliz.

Nós humanos somos criaturas dos últimos cinco minutos. Num determinado estudo, pessoas que achavam uma moeda de dez centavos na calçada minutos antes de serem inquiridas a respeito da questão da felicidade apresentavam níveis mais elevados de satisfação com suas vidas do que aquelas que não haviam encontrado a moeda. Pesquisadores tentaram contornar essa particularidade da psique humana através de algo chamado método de amostragem de experiência. Eles ataram aos participantes da pesquisa pequenos dispositivos parecidos com Palm Pilots e então enviaram bipes, mais ou menos umas 12 vezes por dia. Você está feliz agora? E agora? Aqui, entretanto, o princípio de Heisenberg prevalece.

O mero fato de se observar uma coisa altera esta coisa. Em outras palavras, todos esses bipes podem afetar a felicidade do sujeito pesquisado.

Além disso, a maior parte das pessoas gosta de mostrar uma cara feliz para o mundo. Isso explica por que as pessoas tendem a apresentar níveis de felicidade mais altos quando são questionadas em entrevistas presenciais do que em entrevistas realizadas por e-mail. E mais: se o entrevistador for uma pessoa do sexo oposto, apresentaremos níveis ainda mais altos de felicidade. Instintivamente sabemos que ser feliz é *sexy*.

Pesquisadores da felicidade, entretanto, se apressam em defender seu trabalho. Alegam, por exemplo, que o tempo passa e as respostas se mantêm coerentes. Sem contar que são confirmadas por intermédio de amigos e familiares. “Por acaso o Joe lhe parece uma pessoa feliz?” O que se constata é que essas avaliações externas tendem a estar de acordo com o grau de felicidade que percebemos em nós mesmos. Além do mais, se os cientistas medem QI e atitudes dirigidas a assuntos como racismo, o que também é muito subjetivo, por que não poderiam medir a felicidade? Ou como afirma Mihály Csíkszentmihalyi, um gigante no campo dos estudos da felicidade: “Quando uma pessoa diz que é ‘bem feliz’ não temos o direito de ignorar sua declaração, ou de interpretá-la como se significasse o oposto.”

Então tá. Admitindo-se que esses estudos sobre a felicidade sejam razoavelmente acurados, o que foi que eles descobriram? Quem são as pessoas felizes? E como posso me juntar a elas? É aí que entram Ruut Veenhoven e seu banco de dados.

Veenhoven me leva até uma sala que é tão sem nada de especial e sem alma como o resto do campus. Lá dentro encontra-se uma fileira de meia dúzia de computadores. Eles são tripulados pela pequena equipe do WDH, em sua maior parte composta de voluntários, e nenhum deles parece especialmente feliz. Faço vista grossa para essa incoerência. Afinal, até mesmo um médico que esteja acima do peso pode ter bons conselhos a respeito de exercícios e dietas.

Preciso de uma pausa para assimilar o momento. Nesses computadores, bem na minha frente, encontra-se todo o conhecimento humano acumulado sobre felicidade. Depois de praticamente ignorar o assunto por décadas, cientistas sociais estão agora tentando recuperar o tempo perdido, produzindo um volume enorme de artigos acadêmicos num ritmo prodigioso. A felicidade, poderia se dizer, é agora o que foi antes a tristeza.

As descobertas das pesquisas ora são óbvias, ora desafiam a intuição. São às vezes esperadas, às vezes surpreendentes. Em muitos casos, confirmam os grandes pensadores de séculos passados, como os gregos da Antigüidade. Aqui estão algumas dessas descobertas, sem qualquer ordenação específica.

As pessoas extrovertidas são mais felizes do que as introvertidas; as otimistas são mais felizes do que as pessimistas; as pessoas casadas são mais felizes do que as solteiras (mas os casais com filhos não são mais felizes do que os sem filhos); republicanos são mais felizes do que democratas; pessoas que freqüentam cultos religiosos são mais felizes do que aquelas que não o fazem; pessoas que têm diploma de curso superior são mais felizes do que aquelas que não têm, embora aqueles com títulos acadêmicos avançados sejam menos felizes do que os que têm apenas um diploma de graduação; pessoas que têm vida sexual ativa são mais felizes do que aquelas que não têm; homens e mulheres são igualmente felizes, apesar das mulheres terem um aspecto emocional mais amplo; ter uma relação extraconjugal pode fazer uma pessoa mais feliz, mas não vai compensar a grande perda de felicidade a qual ela vai estar sujeita quando o seu cônjuge descobrir a traição e lhe abandonar; as pessoas são menos felizes enquanto se deslocam para o trabalho; pessoas ocupadas são mais felizes do que aquelas que não têm muito o que fazer; as pessoas ricas são mais felizes do que as pobres, mas só um pouco mais felizes.

O que fazer com essas descobertas? Casar, mas não ter filhos? Passar a freqüentar a igreja regularmente? Abandonar aquele programa de doutorado? Calma. Cientistas sociais dão um duro danado para elucidar o que eles chamam de “causalidade reversa” e o que nós mortais chamamos de o dilema do ovo e da galinha. Por exemplo, pessoas saudáveis são mais felizes do que as adoentadas; ou será que as pessoas felizes tendem a ser mais saudáveis? Pessoas casadas são felizes; ou, quem sabe, as pessoas mais felizes têm mais probabilidade de se casar? Difícil dizer. A causalidade reversa é o diabrete travesso de muitos projetos de pesquisa.

O que eu quero mesmo saber, entretanto, não é quem são as pessoas felizes, mas onde elas o são — e por quê. Quando o indago a respeito disso, Veenhoven suspira e me serve mais uma xícara de chá. Nesse ponto os cálculos se tornam espinhosos. Será que realmente podemos afirmar quais os países e povos mais felizes? Teria a minha busca pelos países mais felizes do mundo acabado antes de começar?

Todas as culturas têm uma palavra para felicidade e algumas têm muitas. Mas será que a palavra inglesa *happiness* significa a mesma coisa que a francesa *bonheur*, ou a espanhola *felicidad*, ou a árabe *sahaada*? Em outras palavras, será que felicidade tem tradução? Há algumas evidências de que a resposta seja sim. Os suíços apresentam níveis iguais de felicidade, sejam as pesquisas realizadas em francês, alemão ou italiano, as três principais línguas do país.

Todas as culturas prezam a felicidade, mas não com a mesma intensidade. Países do leste asiático tendem a dar ênfase à harmonia e ao cumprimento de obrigações sociais, mais do que ao contentamento individual; talvez não por coincidência esses países também apresentem níveis baixos de felicidade, o que tem sido chamado de Falha na Felicidade do Leste Asiático, que para mim soa mais como algum tipo de Grand Canyon chinês. Depois existe o “viés do desejo de aceitação social”. A preocupação aqui é que as pessoas não respondam às pesquisas sobre felicidade com sinceridade, mas da maneira que seria aprovada por suas sociedades. Os japoneses, por exemplo, são famosos pela discrição, temerosos de se tornarem o proverbial prego que se destaca e leva a martelada. A felicidade deles não é proporcional ao seu nível de prosperidade. Morei no Japão durante anos e nunca me acostumei à imagem das mulheres japonesas cobrindo a boca quando riam ou sorriam, como se tivessem vergonha da própria alegria.

Nós americanos, por outro lado, anunciamos nossa felicidade aos quatro ventos e, no máximo, ficamos culpados de exagerar nosso contentamento com a intenção de impressionar. Aqui está o que uma polonesa que vive nos Estados Unidos disse à escritora Laura Klos Sokol a respeito dos americanos: “Quando americanos dizem que foi ótimo, sei que foi bom. Quando dizem que foi bom, sei que foi O.k. Quando dizem que foi O.k., sei que foi ruim.”

Isso não vai ser fácil. O atlas da felicidade, se é que existe um, não é lá muito legível. É como aquele mapa todo amarrotado que fica no seu porta-luvas. Mas eu estava determinado a seguir abrindo caminho, convencido de que, se por um lado não somos capazes de diferenciar gradações sutis de felicidade entre países, certamente podemos dizer que alguns países são mais felizes que outros.

Veenhoven me dá total acesso a seu banco de dados e me deseja sorte, mas antes disso me previne:

- Você poderá não gostar do que vai descobrir.
- O que o senhor quer dizer com isso?

Os lugares mais felizes, ele explica, não necessariamente se encaixam em nossas previsões. Alguns dos países mais felizes do mundo — Islândia e Dinamarca, por exemplo — são homogêneos, derrubando a crença americana de que há força e felicidade na diversidade. Veenhoven também se tornou muito impopular entre seus amigos sociólogos quando descobriu que a distribuição de renda não é prognóstico de felicidade. Países com amplas disparidades entre ricos e pobres não são menos felizes do que países onde a riqueza é distribuída com mais igualdade. Às vezes são até mais felizes.

— Meus colegas não estão achando graça — diz Veenhoven. — Aqui no departamento de sociologia, a desigualdade é um negócio e tanto. Carreiras inteiras foram construídas com base nela.

Educadamente aceito seu conselho, mas acho que ele pode estar exagerando a respeito dos perigos que devo encontrar pela frente. Bem, ele não está. Procurar pelos lugares mais felizes do mundo pode derrubar qualquer um — ou ao menos render uma dor de cabeça lancinante. A cada clique do mouse vou me deparando com mistérios e aparentes contradições. Exemplo: muitos dos países mais felizes do mundo também apresentam uma taxa alta de suicídios. Ou: pessoas que frequentam cultos religiosos revelam-se mais felizes do que aquelas que não têm esse hábito, mas as nações mais felizes são seculares. E, oh, os Estados Unidos, o país mais rico, mais poderoso do mundo, não é a superpotência da felicidade. Muitas outras nações são mais felizes do que nós.

Meus dias em Roterdã engrenam numa agradável rotina. Tomo café-da-manhã no hotel e pego o metrô até o *World Database of Happiness*, o nosso Banco de Estudos da Felicidade. Lá, examino com atenção os artigos científicos e os dados, em busca do meu arisco atlas da felicidade. À noite, vou até meu café (nunca consigo gravar o nome do lugar), onde bebo cerveja quente, fumo cigarrilhas e reflito sobre a natureza da felicidade. É uma rotina que envolve bastante contemplação, quantias moderadas de substâncias tóxicas e muito pouco trabalho de verdade. Trata-se, em outras palavras, de uma rotina bastante européia. Estou me tornando um nativo.

Não sei por que, decido começar pelo degrau mais baixo da escada da fe-

licidade e depois ir subindo. Quais são os países menos felizes? Como era de se esperar, muitas nações africanas caem nessa categoria. Tanzânia, Ruanda e Zimbábue estão lado a lado, bem no fundo do poço da felicidade. Alguns poucos países africanos, tais como Gana, conseguem alcançar níveis moderados de felicidade, mas isso é tudo. As razões parecem óbvias. Pobreza extrema não leva à felicidade. O mito do nobre e feliz selvagem é apenas isso: um mito. Se nossas necessidades básicas não forem atendidas, é provável que não sejamos felizes.

Curiosamente, encontro um outro lote de nações emperradas na parte mais baixa do espectro da felicidade: as antigas repúblicas soviéticas — Belarus, Moldávia, Ucrânia, Usbequistão e mais uma dúzia delas.

Seriam as democracias mais felizes do que as ditaduras? Nem sempre. Muitas dessas antigas repúblicas soviéticas são quase-democracias. De certo que são mais livres agora do que nos tempos soviéticos, no entanto, seus níveis de felicidade diminuíram desde o colapso da União Soviética. Ron Inglehart, um professor na Universidade de Michigan, passou a maior parte de sua carreira estudando a relação entre democracia e felicidade. Ele acredita que a causalidade corre na direção inversa: democracias não promovem felicidade, mas lugares felizes têm mais probabilidade de serem democráticos — o que, é claro, não é um bom presságio para o Iraque.

E o que dizer dos lugares quentes e ensolarados, aqueles paraísos tropicais que costumamos associar à felicidade e onde gastamos um bom dinheiro para passar as férias? O que acontece é que esses lugares não são tão felizes assim. Fiji, Tahiti, Bahamas — todos se localizam nas latitudes medianas da felicidade. Os países felizes tendem a ser aqueles localizados em climas temperados, e alguns dos mais felizes — a Islândia, por exemplo — são absolutamente frios.

É difícil de acreditar, mas a maior parte das pessoas no mundo se diz feliz. Quase todos os países do mundo apresentam um resultado de algo em torno de cinco ou oito numa escala de zero a dez. Existem algumas exceções: os taciturnos moldávios com regularidade alcançam em torno de 4,5, e por um breve período, em 1962, os cidadãos da República Dominicana foram capazes de alcançar apenas 1,6, o menor nível de felicidade jamais observado em todo o planeta. Mas, como já disse, essas são raras exceções. A maior parte do mundo é feliz.

Por que é que isso soa tão surpreendente? Na minha opinião, dois tipos de pessoas podem ser responsabilizadas: jornalistas e filósofos. A mídia, da qual sou

um membro culpável, em geral transmite apenas notícias ruins: guerras, fome, a última implosão de um casal hollywoodiano. Não pretendo com isso subestimar os problemas do mundo e Deus sabe como tenho vivido bem à custa do meu trabalho como jornalista, mas nós da imprensa de fato pintamos um quadro distorcido da realidade.

Os filósofos, entretanto, são os verdadeiros culpados — os branquelo mediatubundos da Europa. Todos costumavam vestir-se só de preto, fumar à beça e ter dificuldades para arranjar encontros. Então, sozinhos, freqüentaram cafés, refletiram sobre o universo e — surpresa! — chegaram à conclusão de que se trata de um lugar infeliz. É claro que é. Quer dizer, se você por acaso é um branquelo, mediatubundo e solitário. As pessoas felizes, digamos, da Heidelberg do século XVIII, estavam ocupadas sendo felizes, e não escrevendo longas e confusas diatribes destinadas a torturar algum estudante universitário em Bloomington, ainda nem nascido naquele tempo, e que precisa passar na cadeira de introdução à filosofia para poder se formar.

O pior de todos foi Freud. Apesar de não ter sido tecnicamente um filósofo mediatubundo, Freud em muito contribuiu para moldar a maneira como encaramos a felicidade. Certa vez ele disse: “A intenção de que o homem seja ‘feliz’ não está no plano da ‘Criação.’” Essa é uma afirmação digna de nota, ainda por cima porque vem de um homem cujas idéias estabeleceram as bases do nosso sistema de saúde mental. Imagine se na Viena da virada do século algum médico tivesse declarado: “A intenção de que o homem tenha um corpo saudável não se acha incluída no plano da Criação.” Nós provavelmente o prenderíamos, ou pelo menos caçaríamos seu diploma. E com certeza não basearíamos todo o nosso sistema médico nas idéias dele. No entanto, foi justamente isso o que fizemos com Freud.

E ainda assim, as pessoas em sua maioria são felizes? Isso não faz muito sentido para mim. Sou uma pessoa e não sou particularmente feliz. O que me levou a pensar: onde foi que caí na constelação dos dados de felicidade de Veenhoven? Se eu for sincero, e é melhor que o seja, já que estou me dando ao trabalho de escrever isso, diria que estou no nível seis da escala. Isso me faz bem menos feliz do que meus camaradas americanos, mas de acordo com o WDH eu me sentiria em casa na Croácia.

Estou inclinado a concordar com a lingüista e companheira de rabugice, Anna Wierzbicka que, ao ser confrontada com a mesma alegação de que a maior parte

das pessoas é razoavelmente feliz, reagiu com uma pergunta simples: “*Quem* são essas pessoas ditas felizes?”

É verdade, quem são elas, afinal de contas? A essa altura, a minha cabeça dói. Será que embarquei numa missão furada para encontrar os lugares mais felizes do mundo? Então noto que um país em especial apresenta, sistematicamente, um escore alto na escala da felicidade. Não vem a ser o número um do ranking, mas está muito perto disso. Esse país, por acaso, vem a ser o país em que me encontro neste exato momento.

Volto para o meu café, peço uma cerveja e fico refletindo a respeito da felicidade holandesa. Por que deveria a Holanda, um país plano e sem nada de excepcional, ser tão feliz?

Bem, para início de conversa, os holandeses são europeus e isso significa que eles não precisam se preocupar com seu seguro de saúde ou com seu trabalho. O Estado tomará conta deles. Eles têm zilhões de semanas de férias a cada ano e, na condição de europeus, também têm direito, sem qualquer custo adicional, a uma atitude vagamente superior em relação aos americanos. Fico imaginando, enquanto dou uns goles na minha cerveja trapista, se presunção leva à felicidade. Não. Deve haver alguma outra coisa.

Tolerância! Esta sim é que é a nação cujo lema na bandeira deveria ser “não mexa comigo”, como a frase que se lê nas primeiras bandeiras americanas (em inglês *don't tread on me*). Uma nação onde, aparentemente, os adultos estão fora da cidade e os adolescentes assumiram o comando. E não estamos falando somente dos finais de semana.

Os holandeses são capazes de tolerar qualquer coisa, inclusive a intolerância. Nas últimas décadas eles receberam, de braços abertos, imigrantes de todo o mundo, incluindo aqueles vindos de nações que não toleram coisas como liberdade religiosa e mulheres que trabalham, dirigem ou mostram seus rostos. É verdade que a tolerância holandesa tem um preço, como deixou claro o assassinato do cineasta Theo van Gogh por um muçulmano extremista. Mas a pesquisa de Veenhoven mostra que as pessoas tolerantes tendem a ser felizes.

Que cara tem a tolerância holandesa no dia-a-dia? Três coisas vêm à mente: drogas, prostituição e ciclismo. Na Holanda, todas as três atividades são legais. Todas as três podem levar à felicidade, desde que certas precauções sejam tomadas. Usar capacete ao andar de bicicleta, por exemplo.

Eu precisava investigar uma dessas atividades de perto, a fim de chegar ao âmago da felicidade holandesa. Mas qual delas? Não há dúvida de que o ciclismo vale a pena e Deus sabe como os holandeses amam suas bicicletas, mas estava um tanto frio do lado de fora, frio demais para sair pedalando por aí. Prostituição? Em geral essa atividade não é realizada ao ar livre, então as condições atmosféricas, ao menos, não seriam um obstáculo. E a prostituição claramente é uma atividade que faz algumas pessoas felizes. Mas havia a questão da minha mulher. Ela tem apoiado minha pesquisa sobre felicidade até um limite, e algo me diz que contratar os serviços de uma prostituta holandesa extrapolaria esse limite.

Então, as drogas são a pedida. Drogas leves, como maconha e haxixe, são legais na Holanda. São servidas em cafés, que de cafés não têm nada. São bocas-de-fumo, na verdade. É que “café” soa melhor do que “boca-de-fumo”.

Mas qual delas devo experimentar? São tantas as opções. Em Roterdã, a impressão que se tem é a de que a cada três ou quatro fachadas de loja uma é um “café”. Sinto-me atraído por um chamado Sky High (nas nuvens), mas o nome me parece muito... óbvio. Outros soam muito moderninhos. Não curto um barato desde o meu primeiro ano da faculdade. Não quero dar vexame.

Afinal encontro o lugar. O Alpha Blondie Café. É perfeito. Além do nome irresistível, como o do célebre cantor de *reggae* africano, o Alpha Blondie também oferece ventilação, uma janela aberta, o que representa uma vantagem inegável. Toco a campainha e depois subo uma escada estreita. Lá dentro há uma mesa de totó (ou pebolim, como também é conhecido o futebol de mesa no Brasil) e um refrigerador cheio de Fanta Laranja e Coca-Cola, assim como muitas barras de Snickers e pacotinhos de M&M's — para as laricas, sem dúvida. Fico surpreso ao encontrar uma máquina de café neste estabelecimento, mas o equipamento está num estado tal que parece fora de uso há meses. Percebe-se que ele, afinal, é apenas um objeto de cena.

Estão tocando umas músicas ruins da década de 1970, e um pouco alto demais. Numa das paredes, noto um quadro que parece ter sido pintado por um talentoso colegial. Em primeiro plano há um carro que acabou de se esborrachar numa árvore e deixou marcas de derrapagem que vão se dissipando na direção do horizonte. Embaixo está escrito: “Algumas estradas só existem em mentes drogadas.” Fico na dúvida se a obra é um alerta a respeito dessas estradas ou uma promoção das mesmas.

Todos parecem ser freqüentadores assíduos, com exceção, é claro, de mim. Sou instantaneamente transportado de volta ao meu quarto no dormitório da universidade, em Nova Jersey. Tentando dar uma de descolado, tentando me encaixar, mas fracassando de modo vergonhoso.

Um homem de pele morena se aproxima e, num inglês sofrível, explica o cardápio. O destaque do dia é a maconha tailandesa, ele diz, como se descrevesse a sopa do dia, além de dois tipos de haxixe: marroquino e afegão.

Fico na dúvida. Então faço o que costumo fazer quando o cardápio parece complicado demais. Peço ao garçom que me dê uma sugestão.

— Você prefere forte ou suave? — ele pergunta.

— Suave.

— Sendo assim, eu sem dúvida optaria pelo marroquino.

Dou a ele uma nota de cinco euros (mais ou menos seis dólares), e ele me dá um saquinho plástico com um tablete marrom esbranquiçado, do tamanho de um selo postal.

Não tenho a menor idéia do que fazer com aquilo.

Chego a ficar com vontade de ligar para meu velho colega de quarto na universidade, Rusty Fishkind. Rusty com certeza saberia o que fazer. Ele era sempre o mais descolado. Sabia lidar com um baseado como o violinista Yo-Yo Ma sabe segurar um *cello*. Tenho certeza de que a essa altura Rusty é um advogado corporativo, que mora num bairro residencial afastado do centro e é pai de quatro filhos, mas, ainda assim, aposto que saberia o que fazer com este naco de haxixe marroquino.

Como se seguisse uma deixa, Linda Ronstadt começa a cantar. *You're no good, you're no good, baby, you're no good.* (*Você não presta, você não presta, baby, você não presta.*)

Por uns segundos, considero engolir o haxixe e tomar uns goles de Pepsi para ajudar a descer, mas penso melhor na idéia e fico apenas brincando com a droga, tentando parecer o mais desamparado possível, o que não é difícil nessas circunstâncias. Finalmente, um barbudo de jaqueta de couro fica com pena de mim. Sem dizer uma palavra, pega o haxixe nas mãos e esmigalha como um queijo grego farelento. Daí, desenrola um cigarro, dos comuns, e introduz o haxixe. Depois de uma hábil sacudidela, uma lambida e algumas pancadinhas, ele me entrega o cigarro — agora turbinado de haxixe.

Agradeço e acendo.

Algumas observações. Em primeiro lugar, eu realmente recomendo o marroquino. É de fato um fumo suave. Em segundo lugar, metade da diversão que é fruto do engajamento em atividades ilícitas se encontra no lado ilícito da coisa e não na atividade em si. Em outras palavras, fumar haxixe legalmente em Roterdã não chega nem perto da diversão que é fazer a mesma coisa às escondidas, no seu dormitório da faculdade com Rusty Fishkind, sabendo que a qualquer momento você pode ser flagrado.

Mesmo assim, estou me sentindo bem. Não doeu. E, à medida que o marroquino vai se instalando em meu córtex cerebral, imagino: e se eu ficasse assim o tempo todo? Será que não seria feliz o tempo todo? Poderia terminar minha busca pelos lugares mais felizes aqui mesmo, no café Alpha Blondie, em Roterdã. Talvez este seja o lugar mais feliz do mundo.

O filósofo Robert Nozick tinha algo a dizer a respeito do assunto. Não a respeito do Alpha Blondie, que não deve ter sido freqüentado por ele, nem a respeito do haxixe marroquino, que ele pode ou não ter fumado. Mas Nozick de fato pensou longa e detidamente sobre a relação entre hedonismo e felicidade. Certa vez ele elaborou um experimento mental chamado Máquina de Experiências.

Imagine que os bambambãs da neuropsicologia tenham inventado um modo de estimular o cérebro de uma pessoa de forma a induzir experiências prazerosas. É perfeitamente seguro, não há qualquer chance de dar defeito e não é prejudicial à saúde. A pessoa experimentaria prazer constante, para o resto da vida. Você toparia? Você se conectaria à Máquina de Experiências?

Se sua resposta é não, diz Nozick, então você acaba de provar que a vida não é só prazer. Queremos *alcançar* nossa felicidade, não apenas vivenciá-la. Talvez até queiramos experimentar a infelicidade, ou pelo menos permitir que a infelicidade seja uma possibilidade, de forma a aproveitar de verdade a felicidade.

Lamentavelmente, tenho de concordar com Nozick. Eu não me conectaria à Máquina de Experiências e, portanto, não estarei de mudança para o Alpha Blondie. O que é uma pena. Por acaso cheguei a mencionar como é suave o haxixe marroquino?

Na manhã seguinte, com a mente livre dos efeitos do marroquino, faço minha viagem diária até o WDH. Falo do meu pequeno experimento a Veenhoven. Ele aprova, é claro. Quando comentei pela primeira vez que muitas das atividades

às quais os holandeses se dedicam normalmente me levariam para a cadeia nos Estados Unidos, ele apenas deu um risinho e disse: “Eu sei. Divirta-se.”

Veenhoven me diz que o banco de dados pode fornecer algumas respostas à velha questão: será o prazer o mesmo que a felicidade? Depois de alguma pesquisa, encontro um artigo escrito pelo próprio Veenhoven: “Hedonismo e Felicidade”.

Leio o resumo. “A relação entre felicidade e consumo de estimulantes segue o mesmo trajeto de uma curva em U invertida. Bêbados inconvenientes e pessoas que abusam do álcool são menos felizes do que consumidores moderados.” Em outras palavras, como os gregos da Antigüidade aconselharam alguns milhares de anos atrás, moderação é tudo. Prossigo com a leitura e aprendo que “diversos estudos observaram uma correlação positiva entre atitudes permissivas em relação ao sexo e felicidade pessoal.”

Presumivelmente, essas pessoas felizes e permissivas não são as mesmas pessoas felizes que freqüentam a igreja com regularidade. Quanto às drogas, um estudo de 1995 descobriu — nenhuma surpresa nisso — que o uso de drogas pesadas tende, com o tempo, a diminuir a felicidade. Mas o que dizer a respeito das drogas leves, como, por exemplo, o haxixe marroquino? O que acontece é que, até hoje, pouca pesquisa foi feita nessa área.

Quem diria, pensei enquanto deslizava para longe do monitor. Na noite passada, no Alpha Blondie Café, primeiríssima etapa da minha viagem, eu já estava engajado numa pesquisa de ponta na área de felicidade.

É meu último dia em Roterdã. Uma cidade da qual a gente se esquece com facilidade, mas ainda assim uma cidade que vai deixar saudades. Está na hora de me despedir de Veenhoven e não sou bom de despedidas. Agradeço a ele por toda a ajuda, por todos os seus dados felizes. Então, numa espécie de reflexão de última hora, paro junto à porta e digo:

— Deve ser maravilhoso trabalhar na área de estudos da felicidade.

Veenhoven parece perplexo.

— Como assim?

— Bem, o senhor deve ter uma fé permanente na aptidão da humanidade para a felicidade.

— Não, na verdade não.

— Mas o senhor vem estudando e analisando a felicidade durante toda a sua vida.

— É, mas para mim não faz diferença se as pessoas são felizes ou não, desde que algumas pessoas sejam mais felizes do que outras. Assim, ainda posso fazer os meus cálculos.

Por um momento fico ali parado, atordoado. E eu aqui achando que Veenhoven era um companheiro de viagem, um camarada na caça à felicidade. Mas como dizem lá no Sul, ele foi para essa caçada sem cachorro. Veenhoven não é um jogador no jogo da felicidade. Ele é o juiz que está marcando os pontos. E, como qualquer bom juiz, para ele pouco importa quem vence a partida. Felicidade ou melancolia, é tudo a mesma coisa. Desde que um dos lados prevaleça.

Imagino que este seja todo o sentido de seu novo e desapaixonado estudo da felicidade. Veenhoven e os outros felicilólogos queriam desesperadamente que a comunidade acadêmica levasse sua pesquisa a sério para não serem rejeitados como mais uma onda *New Age* passageira. Eles conseguiram o que queriam, mas fico imaginando a que preço. No mundo deles, a felicidade foi reduzida a mais uma estatística, a dados para serem fatiados, cortados em cubos, analisados, processados pelo computador e, por fim, inevitavelmente, reduzidos a planilhas. E não consigo imaginar nada menos feliz do que uma planilha.

Chego à conclusão de que minha visita ao WDH foi um bom começo, mas um começo incompleto. Em nenhum lugar, entre os oito mil estudos e artigos, encontrei qualquer menção à felicidade que uma nação tira de sua arte, do prazer resultante de se ouvir em voz alta e bem lido um poema de beleza singular, ou de se assistir a um filme danado de bom, acompanhado de um balde de pipoca, sem manteiga. E nem o banco de dados revela qualquer coisa a respeito das linhas invisíveis que unem uma família. Algumas coisas estão para além dos cálculos.

Então construo o meu próprio atlas da felicidade, meu mapa rodoviário do contentamento, baseado em parte no banco de dados de Ruut Veenhoven e em parte nos meus próprios palpites. Rico ou pobre, quente ou frio, democracia ou ditadura, não importa. Vou seguir o rastro da felicidade, seja lá onde for que ele me leve.

Com o meu atlas à mão, embarco no trem na estação central de Roterdã. Quando o vagão começa a se mover e o campo holandês a deslizar suavemente,

sinto uma inesperada sensação de alívio. Uma sensação até mesmo de liberdade. Liberdade do que? Não sei. Minha visita foi ótima. Bebi ótimas cervejas, fumei um ótimo haxixe, e cheguei até mesmo a aprender uma coisa ou outra a respeito da felicidade.

Então cai a ficha. Liberdade disso tudo é... liberdade. Tolerância é excelente, mas com facilidade pode resvalar para a indiferença, e isso não tem a menor graça. Além do mais, não consigo viver com tanta folga assim. Sou muito fraco. Não saberia quando parar. Se me mudasse para a Holanda, alguns meses depois você na certa me encontraria envolvido por uma nuvem de haxixe marroquino, com uma prostituta de cada lado.

Não, o estilo holandês não é para mim. Talvez a minha próxima parada seja a certa. Estou indo em direção a um país onde os trens não atrasam, as ruas são limpas e a tolerância, como qualquer outra coisa, é cuidadosamente distribuída, com moderação. Estou indo para a Suíça.